



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
DE LÍNGUA PORTUGUESA

EM DIREÇÃO A UM ATLAS LINGUÍSTICO: BREVE ESTUDO EM PICOS – PI

PICOS
2019

FELIPE DE CARVALHO ROCHA

EM DIREÇÃO A UM ATLAS LINGUÍSTICO: BREVE ESTUDO EM PICOS – PI

Artigo apresentado ao Curso de Letras-Português, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB), como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

R672d Rocha, Felipe de Carvalho.
Em direção a um atlas linguístico: breve estudo em Picos –
PI. / Felipe de Carvalho Rocha. -- Picos,PI, 2019.
18 f.
CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Português). – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2020.
“Orientador(A): Prof. Dr. Juscelino Francisco do
Nascimento.”

1. Sociolinguística. 2. Variação Linguística. 3. Atlas
linguístico. I. Título.

CDD 401.9

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163

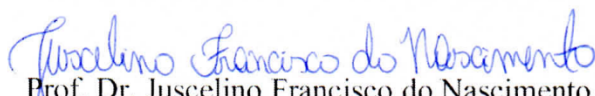


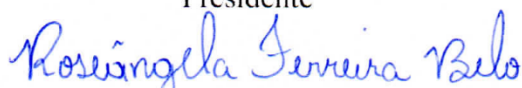
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
 Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
 Fone: (89) 3422 2032

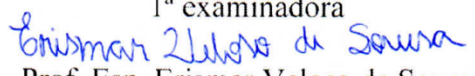
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às 19 horas do dia treze de dezembro do ano de dois mil e dezenove, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência do Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento, reuniu-se a banca examinadora de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno Felipe de Carvalho Rocha, do curso de Letras desta Universidade, com o título *Em direção a um Atlas Linguístico: breve estudo em Picos – PI*. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (orientador – presidente), Profa. Esp. Roseângela Ferreira Belo (1ª examinadora) e Prof. Esp. Erismar Veloso de Sousa (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação do trabalho, seguida de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido as seguintes notas: 7,0; 7,0 e 7,0. Apuradas as notas, verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral 7,0. E, para constar, eu, Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 13 de dezembro de 2019.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.


 Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento
 Presidente


 Profa. Esp. Roseângela Ferreira Belo
 1ª examinadora


 Prof. Esp. Erismar Veloso de Sousa
 2º examinador

EM DIREÇÃO A UM ATLAS LINGUÍSTICO: BREVE ESTUDO EM PICOS – PI¹

Felipe de Carvalho Rocha²
Juscelino Francisco do Nascimento³

RESUMO: O objetivo deste trabalho é explanar, de forma abrangente, a grande variabilidade de falas, incluindo também os diversos nomes dados às coisas que têm um mesmo significado, ainda que o falante em questão seja da mesma região, da mesma idade ou não. A fundamentação teórica é embasada por Bortoni-Ricardo (2005), Calvet, (2002), Franco (2008), Mollica (2004), Tarallo (2003), dentre outros, que abordam, em suas obras, o processo de variação da língua, elucidando a temática. A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa, de campo, com entrevistas com dois moradores da cidade de Picos, um residente na zona urbana, e outro na zona rural, no intuito de comparar as variações presentes na fala de cada um. Os resultados mostraram a presença de variações, apesar dos mesmos fazerem parte da mesma cidade, embora, de bairros distintos, corroborando à ideia de língua como um reflexo social heterogêneo, que deve ser aceito e valorizado em meio a todas as suas facetas.

Palavras-chave: Atlas linguístico. Sociolinguística. Variação Linguística.

1 INTRODUÇÃO

A variação linguística é bem presente na Língua Portuguesa, visto a grande variação cultural do Brasil. Nesse contexto, surge a necessidade de uma análise sobre as variações, com o intuito de registrar, especificamente, alguns termos utilizados por pessoas da cidade de Picos, no Piauí. Visto isso, é importante pontuar que muitos termos utilizados pelos moradores picosenses não são conhecidos por muitas pessoas, podendo assim, integrar, quem sabe, o ALiB, como forma de valorização cultural, já que apresentam traços claros de variantes linguísticas.

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo comparativo, com base no método do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), da fala de dois informantes, um de 18 a 30 anos e outro de 50 a 65 anos, ambos com escolarização até a 4ª série, atual 5º ano do Ensino Fundamental.

¹ Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito parcial para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

² Aluno regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: felipedecarvalhorocha@gmail.com.

³ Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos – PI. E-mail: juscelinosampa@hotmail.com

Observando as diferentes nuances de linguagem entre os entrevistados, esperamos obter um primeiro mapeamento do quadro lexical da região e da cultura de ambos, construindo assim um primeiro quadro de referência para um estudo posterior mais criterioso.

A escolha do tema justifica-se em razão de não haver nenhum trabalho nesta área na região de Picos e também por ser importante ter uma pesquisa desta natureza para o curso de Letras. Posicionamo-nos na esteira da tradição sociolinguística que enxerga na evolução de uma língua os reflexos e as dinâmicas internas da evolução da própria comunidade humana que a fala, sendo então um elemento essencial na compreensão geral de uma sociedade, e não apenas como um objeto fechado em si mesmo e subordinando apenas às suas próprias leis, sem relação com os demais elementos da condição histórica concreta do contexto social no qual ela se dá.

Além disso, o trabalho também foi motivado graças aos seguintes questionamentos: por que a variação linguística continua sendo tão desvalorizada no Brasil, e por que o ALiB torna-se uma ferramenta importante no processo de valorização de uma língua?

O referencial teórico utilizado, para obtenção de respostas à problemática, foi Bortoni-Ricardo (2005), Calvet, (2002), Franco (2008), Mollica (2004), Tarallo (2003), dentre outros, que abordam, dentre suas obras, o processo de variação da língua, elucidando a temática.

A pesquisa foi de cunho qualitativo, com pesquisa de campo. Para tal, foram realizadas entrevistas com moradores de dois bairros de Picos, para um melhor levantamento de dados. Os resultados apontaram que há diferenças nas falas dos entrevistados, mesmo ambos fazendo parte da mesma cidade, decorrentes da heterogeneidade da língua, que é explicada dentro da Sociolinguística.

O trabalho foi dividido em seis capítulos, sendo o primeiro a Introdução, o segundo especificando o que é a Sociolinguística e sua área de pesquisa, no terceiro há uma elucidação sobre a variação linguística e os tipos de variações que mais ocorrem no Brasil. No quarto capítulo trazemos os métodos utilizados e detalhados sobre como os dados foram coletados, enquanto o quinto traz as análises e discussões dos resultados. Finalizando, temos o sexto capítulo, com as considerações finais.

Este trabalho pode então contribuir para os estudos linguísticos referentes à variação linguística, bem como para quem quer entender melhor o que é um Atlas Linguístico e como o processo de registros de termos e expressões derivados da heterogeneidade do idioma se faz importante para a preservação deste elemento cultural responsável por toda e qualquer conversação: a língua.

2 UM BREVE RELATO SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA

A diversidade linguística carece de uma área de investigação que aponte os motivos que levam uma língua a ser heterogênea. Neste contexto, surge a Sociolinguística, que busca

compreender os motivos que levam à variação linguística e como se dá a relação entre uma língua e a sociedade. Conforme Monteiro (2000), a Sociolinguística mantém uma relação com ciências afins, como a Pragmática, Sociologia, Geografia Linguística, dentre outras, que, apesar de possuírem suas diferenças nos focos das pesquisas, apresentam o mesmo conteúdo material.

Segundo Bagno (2007), a Sociolinguística surgiu em meados dos anos 60, nos Estados Unidos, como forma de unir a língua e a sociedade, evidenciando que essa relação é indissociável no que tange o processo de compreensão da variação linguística. Neste contexto, temos como precursor, desta área de investigação, William Labov, cujo os estudos são norteadores, até os dias de hoje, de muitos linguistas.

Labov (1972 apud HORA, 2004) afirma que “heterogeneidade, ou variação, é inerente a todo sistema linguístico e não é aleatória”, desta forma, a Sociolinguística cuida de explicar os fenômenos da variação, apontando os fatores linguísticos e extralinguísticos que motivam estas variações.

Sobre esta temática, Naro (2008, p.15) diz

o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras. Em outras palavras, tal como existem condições ou regras categóricas que obrigam o falante a usar certas formas (a casa) e não outras (casa a), também existem condições ou regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas em cada contexto.

Desse modo, evidencia-se que a língua sofre alterações movidas sempre pelo contexto onde ocorre a enunciação de determinados termos. Isso decorre das regras que são repassadas a cada falante, seja pelo ensino da língua materna, seja pela convivência em grupos que fazem suas próprias alterações na fala, recorrentes devido aos tipos de variações, como: variação diatópica, diastrática, ou mesmo variação histórica, que serão abordadas nos próximos capítulos.

2.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: MOTIVOS QUE LEVAM A LÍNGUA À MUDANÇA

A língua portuguesa, língua materna brasileira, ainda é vista, por muitos, como homogênea, devendo então ser aprendida e respeitada mediante o ensino de gramática normativa, que tratará das regras do idioma, fazendo assim com que os indivíduos se tornem

falantes prestigiados, pelo menos em teoria. Porém, a realidade é diferente daquilo que é defendido por algumas pessoas. É notório que há um grande número de pessoas que não seguem a norma padrão da língua, e isso não quer dizer que eles são menos prestigiados, ou que devam ser excluídos dos processos comunicativos. Essa diferença na fala de muitos se dá pelo processo de variação linguística, muito comum em terras brasileiras.

Segundo Franco (2008, p.177) o processo de variação deve ser compreendido desde as séries iniciais, na escola, onde os alunos precisam começar a enxergar a língua como heterogênea. Neste contexto, o autor defende uma Pedagogia da variação, propondo

Se, como resultado da intervenção dos linguistas, o tema da variação acabou incorporado pelo discurso pedagógico, podemos dizer que não conseguimos ainda construir uma pedagogia adequada a essa área. Talvez porque não tenhamos ainda, como sociedade, discutido suficientemente, no espaço público, nossa heterogênea realidade linguística, nem a violência simbólica que a atravessa.

Conforme pontuado, fica evidenciada a necessidade de uma defesa maior sobre os processos de variação, lutando assim contra o preconceito ainda enfrentado por falantes “desprestigiados”, visto que, grande parte da população ainda é resistente à variação, considerando assim, a variação como “erro”.

Dessa forma, a língua precisa ser enxergada como fenômeno de interação e inclusão, visto que é a principal ferramenta de intervenção social, sendo necessária a toda situação comunicativa.

Defendendo a língua como heterogênea, é necessário então passar a aceitar e a defender o processo de variação. Deste modo, Mollica (2004, p.27) afirma que “aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais”. Assim, é claro que o homem desenvolve a língua de maneira intencional, a fim de manter a comunicação, e assim desenvolver toda e qualquer atividade interacional.

Mollica (2004, p.10) defende que

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância.

Assim, a língua falada pelo homem possui, de fato, margem para a variação, visto que, a ordem de alguns elementos não irão comprometer a comunicação, podendo ser compreendida por todo e qualquer falante que conheça o mínimo da língua. Além disso, essas variações são possíveis devido à flexibilidade da língua e normas gramaticais, que mesmo não sendo seguidas à risca, ainda permitem a efetivação da comunicação.

Ainda sobre a heterogeneidade da língua, é mister destacar que, conforme Tarallo (2003, p. 6), “a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada”. Não há, no país inteiro, sujeitos que utilizam a língua da mesma forma, então, não há como classificar uma língua como homogênea. Deste modo, cabe-se destacar os principais tipos de variação. São elas: (1) geográfica ou diatópica, (2) histórica ou diacrônica, (3) sociocultural ou diastrática, conforme Calvet (2002).

3 TIPOS DE VARIAÇÃO

Conforme já mencionado, há três principais tipos de variações que serão abordados nesta discussão, Variação Diatópica, Diacrônica e Diastrática. Cada uma delas possui suas especificidades, que irão, a partir disso, desencadear um processo de mudanças ocorrentes na língua, que precisam ser entendidos por parte dos falantes, para que haja uma erradicação, ou pelo menos diminuição drástica do preconceito linguístico que ainda é muito presente no Brasil.

3.1 VARIAÇÃO GEOGRÁFICA OU DIATÓPICA

De acordo Preti (2004, p. 24, grifos no original), as variedades geográficas “(...) ocorrem num plano horizontal da língua, na concordância das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados *regionalismos*, provenientes de *dialetos* ou *falares locais*”.

É muito comum, no Brasil, a utilização de termos ou falares locais, marcados pela região onde o indivíduo mora, o que é bem evidente na fala de muitos “*nordestinos*”, por exemplo, que se apropriam de expressões como “*macaxeira*”, para denominar uma raiz muito utilizada na alimentação, enquanto em outras regiões, o mesmo alimento é conhecido por “*aipim*” ou “*mandioca*”.

3.2 VARIAÇÃO DIACRÔNICA

A variação diacrônica pode ser identificada na escrita de um texto, avaliado em épocas distintas. As principais diferenças nestes textos são vistas no campo lexical, no contexto gramatical e até mesmo na ortografia. Preti (2003) pontua que quanto maior for a diferença temporal de um texto, maiores serão as diferenças em termos de escrita.

Este tipo de variação pode ser claramente evidenciada em um texto escrito há muitos anos, ainda com a utilização do Português Arcaico, com um texto escrito nos dias atuais. É evidente a grande mudança na forma da escrita, tanto que muitas pessoas têm dificuldades na compreensão de textos mais arcaicos.

Tal variedade aponta, mais uma vez, a heterogeneidade da língua, que é mutável, consoante o período em que está se passando. Visto que, muitos termos vão surgindo, entrando no dicionário atual, enquanto outros vão caindo em desuso. Como exemplo, tempos o pronome de tratamento “*você*”, que há muito, era escrito como “*vossa mercê*” ou “*vosmecê*”.

Sobre esse tipo de mudança Calvet (2002, p.79) pontua que “as línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a mudança diacrônica se acrescenta a outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado”. Sendo assim, é clara a evolução de um termo, que há tempos possuía uma outra estrutura lexical, mas, por conta da evolução linguística, passa a ser escrita de forma diferenciada, mesmo sem perder seu significado. É importante frisar que esse tipo de mudança, muitas vezes, acontece de forma tão natural, que mal se percebe a mudança.

3.3 VARIAÇÃO SOCIOCULTURAL OU DIASTRÁTICA

A variação Diastrática abrange as variedades socioculturais entre os falantes, que criam sua própria maneira de falar, ocasionados, muitas vezes, por idade, profissão, classe social, sexo, nível de estudo, dentre outras características, segundo Preti (2003).

Como exemplo da variação sociocultural, podemos destacar as “*gírias*” ou mesmo as “*abreviações*” utilizadas principalmente por jovens. Um suporte onde essa variação pode ser vista com muita frequência e nitidez é dentro do universo das redes sociais. Expressões como “*vc*” (você), “*blz*” (beleza), “*frmz*” (firmeza), dentre outros, mostram um tipo de variação que deve ser levado em consideração, já que, mesmo fugindo das normas padrões da língua, ainda são possíveis dentro de um ambiente comunicativo entre os falantes.

Além disso, podemos também destacar o “campo semântico” criado dentro do ambiente das profissões, por exemplo, onde, cada profissão costuma criar seu próprio meio de comunicação, seu dialeto que, muitas vezes, é incompreendido por pessoas que não fazem parte daquele ambiente, porém, muito claros para quem trabalha na área. E, convém destacar que todas essas mudanças ocorrem mediante a variação ocorrida pelo ambiente onde o falante está inserido.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, a qual, segundo Denzin; Lincoln (2006, p.17)

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais. [...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo.

Sendo assim, a coleta de dados se faz necessária em todo e qualquer trabalho, sendo que, neste caso, precisa-se de dados concretos, que puderam ser coletados e analisados por meio de entrevistas, visando sempre extrair o material necessário para se chegar a registros importantes para o ALIB.

Foi realizada então, uma pesquisa de campo para realização das entrevistas, em dois bairros da cidade de Picos, no Piauí, um da zona urbana e outro da zona rural. Como instrumentos de geração de dados, foram feitas gravações com os dois informantes, usando os questionários de 39 a 63 do ALIB, que trata das atividades agropastoris, assim como as questões de 64 a 88, que diz respeito à fauna.

A escolha dos informantes foi feita mediante uma análise de perfis, onde os pesquisadores tiveram a preocupação de escolher quem melhor se enquadrava nos propósitos da pesquisa, de forma a evidenciar as variações presentes na fala de cada um. Sendo assim, uma senhora e um rapaz, ambos com as características de idade e ensino pré-definidos, atendiam às características determinadas pela norma que rege a pesquisa.

Essa pesquisa teve início em Junho de 2019 e foi concluída em Outubro do mesmo ano. E, dentre as dificuldades encontradas para a sua realização, ressaltamos a complexidade

de encontrar pessoas com baixa escolaridade, que atendiam às exigências e aceitassem ser entrevistadas, pois, ainda há muita resistência das pessoas do interior, seja por timidez, seja por falta de informação e/ou instrução escolar.

O projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) ganha forma em fins de 1996, por ocasião do Seminário Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil realizado em Salvador, na universidade Federal da Bahia, de 4 a 8 de novembro. A partir de então, criado o Comitê Nacional que se incumbiria de implementá-lo, vem se dando cumprimento às etapas traçadas seguindo o cronograma definido, de acordo com Cardosos (1996).

Dentre os sujeitos da pesquisa, tivemos uma senhora de 62 anos e um jovem de 24 anos, ambos com escolaridade baixa. Os locais, escolhidos para realização das perguntas, foram as suas próprias residências, onde percebemos que os mesmos estavam mais à vontade. Para tanto, foi explicado que os áudios das entrevistas seriam gravados, e os fins as quais estavam destinados. Somente após a concessão de ambos, e diante de um termo assinado, autorizando as gravações, é que a coleta foi iniciada.

De antemão, as primeiras perguntas evidenciaram um certo desconforto acerca dos entrevistados, mas, com o passar do tempo, foi melhorando o desenvolver das respostas. Em contrapartida foi notado também uma falta de concentração acerca do informante 02, tanto pelo fato do mesmo ser mais novo, quanto também pelo mesmo estar fazendo uso de um aparelho celular. Mesmo diante desses fatos, as perguntas continuaram e chegamos até o final com a maior parte das perguntas respondidas de maneira satisfatória.

É importante ressaltar que, apesar das residências serem escolhidas como palco das entrevistas, houve uma pequena problemática que atrapalhou um pouco o desenrolar do trabalho: os entrevistados perdiam, constantemente, a atenção, por conta dos familiares e também dos barulhos externos, como uma TV, um rádio e até vizinhos que moram nas proximidades.

As perguntas foram selecionadas de maneira a favorecer o conhecimento do entrevistado, pois as mesmas estavam no seu dia a dia, tornando assim mais fácil a compreensão e interação entre entrevistador e entrevistado.

Após o término de cada entrevista, os áudios foram ouvidos pelos falantes, e, conforme mencionado anteriormente, autorizados para os fins das pesquisas. Além disso, cabe destacar que as perguntas escolhidas foram suficientes para os propósitos da pesquisa, visto que, possibilitaram uma análise criteriosa, que resultou em dados preciosos, que poderão ser utilizados para pesquisas mais aprofundadas sobre a temática em questão.

5 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

De posse das gravações, realizadas no mês de Setembro, por meio de perguntas da ALiB, apresentamos o seguinte quadro, fazendo a comparação entre os léxicos de ambos os

participantes. Das ocorrências obtidas optamos por essas, considerando as pequenas diferenças entre as pronúncias.

Tabela 1 – Respostas para as questões 39 a 63

INFORMANTE 1 “62 anos”	INFORMANTE 2 “24 anos”
39. TANGERINA	39. TENGERINA
40. AMENDOIM	40. AMENDOIM
41. CAMOMILA	41. COMOMILA
42. PENCA	42. PENCA
43. GEMEAS	43. GEMEAS
44. NÃO SOUBE	44. OLHO
45. ESPIGA	45. MILHO
46. SABUGO	46. SABUGO
47. SOCA	47. RAIZ
48. GIRA SOL	48. GIRA SOL
49. BAGEM	49. BAGE
50. MACAXEIRA	50. MACAXEIRA
51. MANDIOCA	51. NÃO SOUBE
52. CARRIM DE MÃO	52. CARRIM DE MÃO
53. CABINHO	53. BRAÇO DO CARRINHO
54. CANGA	54. CANGA
55. CANGALHA	55. CAMBITO
56. CANGA	56. CAMBITO
57. CAÇUÁ	57. JACÁ
58. SURRÃO	58. BOLSA
59. BURREGO ATÉ 6 MESES	59. CABRITO, ATÉ 8 MESES
60. ABORTOU	60. PERDEU
61. BRAÇAL	61. AJUDANTE
62. ROÇADO	62. CARRERO
63. VAREDA	63. TRILHA

Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Com base na Tabela 01, observa-se que, em grande parte dos exemplos usados, o grau de conhecimento de cada informante se assemelha muito, embora se observe certas variações. Como podemos notar na tabela, o entrevistado 01 teve uma facilidade maior para as perguntas iniciais, as quais tratavam de atividades agropastoris. É importante ressaltar que, mesmo a

maioria das respostas sendo semelhantes umas às outras, percebe-se uma variação nos termos utilizados por cada um, ainda que um seja da área rural e o outro da área urbana. Neste caso, ainda que muitas respostas estejam semelhantes, há a diferença entre outras, que podem ser justificadas pela variação diatópica, sendo que o meio onde os falantes estão envolvidos podem estar influenciando as falas dos mesmos. Consoante a Doriam apud Monteiro (2000), a heterogeneidade vem ganhando mais destaque, graças à diversidade social, que está presente mesmo em locais mais próximos, mas que possuem características próprias.

É importante analisar, portanto, por quais motivos houve discrepância de algumas respostas, para assim compreendermos o processo de variação linguística entre os falantes de Picos.

Dando início às perguntas, já na primeira, temos um exemplo de palavras iguais, porém com um início diferente: "TANGERINA". O informante 01 fala de acordo com a norma padrão, já o informante 02 muda- o final da palavra. Essa mudança não interferiu na compreensão da resposta, mas abre um leque de possibilidades e possíveis ideias do porquê que esse início saiu diferente. Nesse contexto, talvez seja por conta apenas do sotaque ou até, mesmo por simples desleixo ao pronunciar. Neste contexto, Tarallo (2003, p. 11-12)

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadora vs. inovadora; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico da comunidade.

Neste caso, o falante 01 utilizou a norma padrão, enquanto o falante 02 fez uso da norma não-padrão. O primeiro pode ter seguido o modelo mais conservador, que pode ter sido motivado pela maior concentração no início da entrevista, visto que ele estava nitidamente tímido, com medo de "falar errado", enquanto o outro já se encontrava um pouco mais à vontade. Porém, ainda há a possibilidade do falante 02 não saber ou mesmo não se importar com a norma culta, e por isso prefere falar da maneira que aprendeu, deixando evidente a variação.

Já na segunda palavra, houve novamente uma pronúncia diferente, mudando a vogal da palavra "Camomila" por "Comomila", o que pode ser explicado, novamente, pela variação diatópica, pois, essa mudança do termo é mais possível de ser percebida em pessoas de áreas menos prestigiadas, como é o caso do campo, bairros do interior ou cidades pequenas, principalmente do Nordeste.

O exemplo 03 que citaremos agora é mais um exemplo claro de regionalismo, onde uma determinada região fala de um modo e outra fala de outra maneira. Tomamos por conhecimento a palavra "SOCA", onde o entrevistado 01 tem uma idade mais elevada e uma presença maior no campo, talvez seja por isso que tenha havido essa mudança na ideia das

palavras, pois como o entrevistado 02 fala uma palavra muito mais conhecida: "RAIZ", para a pergunta feita sobre qual o nome dado para a parte de baixo da planta onde a mesma se alimenta e filtra os nutrientes da terra.

Dando continuidade, foi observado também uma palavra que foi se pronunciada diferente entre o informantes 01 e 02, a palavra "BAGEM" pronunciada pelo 01, e na palavra "BAGE", dita pelo 02. Geralmente a forma padrão usada nessa palavra seria "vagem", para a ideia de lugar onde se é guardada a semente do feijão, seja ela verde ou seca. A semelhança nas palavras novamente faz me imaginar que talvez por conta da semelhança sonora entre bagem, bage ou até vagem, se torne bem parecida para pessoas que não tenham uma leitura assídua no dia a dia, e por esse motivo há predominância da oralidade, que é mais suscetível à mudança.

Não muito diferente disso, tivemos também alguns exemplos bem diferentes, onde foi observada a diferença apenas pelo fator de conhecimento, ou até, quem sabe, a vivência com pessoas de idade semelhante ou não, essas palavras foram "VAREDA/TRILHA; CANGALHA/CAMBITO; CABINHO/BRAÇO DO CARRINHO; CAÇUÁ /JACÁ.

Tabela 2 – Respostas para as questões 64 a 88 FAUNA

INFORMANTE 1	INFORMANTE 2
64. URUBU	64. URUBU
65. BEIJA FLOR	65. BEIJA FLOR
66. JOÃO DE BARRO	66. JOÃO DE BARRO
67. GUINÉ	67. GUINÉ
68. PAPAGAIO	68. PAPAGALHO
69. SURU	69. SURU
70. TOCO	70. PITOCO
71. GAMBÁ	71. GAMBÁ
72. CASCO	72. AS MÃO
73. QUILINA	73. QUILINA
74. CABELO DA CALDA	74. CABELO DO RABO
75. LOMBO	75. LOMBO
76. GARUPA	76. GARUPA
77. CHIFRE	77. CHIFRE
78. MOXO	78. MOXO
79. MOXA	79. MOXA
80. UBERO	80. PEITO
81. CALDA	81. RABO

82. COXO	82. COCHIANDO
83. VAREJEIRA	83. VAREJEIRA
84. SANGUE SUGA	84. LESMA
85. HELICOPTO	85. BUNDA DÁGUA
86. TAPURÚ	86. LAGARTO
87. CURU	87. MOROCOTÓ
88. MURISOCA	88. MURISOCA

Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Diferentemente da tabela 01, na tabela 02 percebe-se uma equivalência maior entre respostas de cada entrevistado. Além disso, é importante ressaltar que houveram alguns nomes bem diferentes dados pelos entrevistados em resposta às mesmas perguntas. Ressaltamos ainda que o tempo para cada entrevistado foi semelhante e o número de perguntas não respondidas foi aproximadamente o mesmo.

Analisando mais a fundo e comparando resposta por resposta damos início já com a primeira palavra "PAPAGAIO", onde o entrevistado 01 fala na maneira correta já o 02 faz novamente uma pronúncia mais sonorizada acerca do final da palavra, substituindo o final "GAIO" por "GALHO". Essa assimilação em torno do final da palavra retoma a ideia de que talvez o falante 02 queira falar a palavra assim como ele acha que é certo. Diante da norma padrão da língua, o termo "PAPAGALHO" está incorreto, porém, para o falante, a palavra está devidamente empregada. Deste modo, é fulcral, de acordo com Silva (2004, p. 67)

Ao estudar a língua em uma comunidade, defrontamo-nos com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou extremas, atuem na forma de cada um expressar-se.

Deste modo, o erro está em não aceitar a variação. Assim sendo, a expressão utilizada pelo falante 02 pode, muito bem, fazer parte do ALIB, como mais uma das diversas formas de falar do povo brasileiro, acentuando, que a língua é e sempre será heterogênea.

No segundo exemplo, já vemos novamente palavras bem diferentes uma da outra, sendo elas derivadas de coisas pequenas. O informante 01 dá para si o nome de "TOCO", sendo que o informante 02 usa algo bem próximo sendo a palavra pronunciada "PITOCO". Fazendo uma análise mais aprofundada e morfológica, podemos ver que ambas as palavras possuem uma proximidade de significado e significante, talvez seja por isso que o significado venha a servir para os dois exemplos, porém, é possível pontuar que a ideia de "PITOCO" seja está relacionado a algo menor que "TOCO".

Por fim, cabe pontuar uma série de palavras – com os mesmos significados – porém,

com as pronúncias bem diferentes, utilizadas pelos entrevistados. São elas: "CASCO/AS MÃOS; CABELO DA CALDA/CABELO DO RABO; UBERO/ PEITO, sendo derivados um da espécie humana e outra sendo de natureza animal, CAUDA/ RABO; COXO/COCHIANDO; SANGUESSUGA/LESMA.

Finalizando a lista, é possível compreender que a diferença nas idades das pessoas, constituintes da sociedade, ou mesmo a influência do convívio com pessoas de outros lugares – regiões – justifica a diferença nas palavras que foram usadas durante o levantamento de dados. Como últimos exemplos, foram também mencionados: SANGUESSUGA/LESMA; HELICOPTO/BUNDA DÁGUA; TAPURÚ/LAGARTO; CURU/MOROCOTÓ; mais exemplos claros do quanto a variação linguística se faz presente na cidade de Picos.

Diante da sucinta análise, foi possível perceber que existe uma grande variedade de dialetos, ou mesmo de variação presente nas falas da região picoense. Além disso, foi possível avaliar como a norma-padrão da língua é pouco conhecida, ou mesmo utilizada por pessoas que não tiveram elevado grau de instrução, porém, apesar disso, é evidente que a maioria dos termos utilizados são facilmente compreendidos, se não pelo conhecimento prévio do ouvinte, mas pelo contexto da enunciação.

Por fim, é cabível destacar que seria interessante que esses falantes conhecessem mais da língua, inclusive os membros da sociedade que frequentam à escola, para que entendessem que o fato de algumas pessoas falarem de forma diferenciada, não significa que estão falando de maneira “errada”. E, além disso, é importante que sejam feitos mais registros de termos e expressões que possam enriquecer ainda mais o “Atlas Linguístico” da cidade de Picos, para que ela possa ser visto como um ambiente rico em cultura, com uma melhor relação entre língua e sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação do presente trabalho se dá mediante a visão acima exposta, a saber, a de que, por um lado, a ciência linguística se perfaz com a consideração da linguagem como *fato social*, indissociável de seus correlatos concretos tais como região, classe social, condição sociofinanceira e, por outro lado, a grande variedade de formas de expressão que há no interior do território de uma nação é componente essencial do próprio fenômeno linguístico em si, sendo necessário ao estudioso despojar-se de preconceitos e enxergar como fonte de significado todas as formas sob as quais a linguagem se apresenta.

Neste contexto, o trabalho apresentou uma breve discussão sobre os processos de variação da língua, e os motivos pelos quais há essa discrepância no falar de muitos habitantes do Brasil, mesmo o idioma sendo o mesmo. Isso foi feito como forma de valorização das diferenças, já que, é muito importante que as pessoas tornem-se conhecedoras das variantes que há em uma língua, e que isso faz parte da cultura, e deve ser motivo de orgulho e não

vergonha, como ainda ocorre em muitos locais, visto a grande valorização da norma padrão.

Com isso, objetivou-se a criação de tabelas, fazendo uma correlação e um comparativo entre as falas de dois entrevistados, uma idosa e um jovem, a fim de destacar as principais marcas presentes em suas falas, e os tipos de variação, registrando assim termos e expressões, no intuito de montar, em trabalhos futuros, um Atlas Linguístico da cidade de Picos.

Os objetivos do trabalho foram alcançados, visto que este é apenas o início de uma longa caminhada frente à temática, onde buscou-se mostrar algumas variedades presentes na língua, praticadas por pessoas com baixa escolaridade, e pouco conhecimento sobre a forma “prestigiada de se falar”.

Assim sendo, o trabalho pode vir a contribuir com trabalhos futuros, com pesquisadores da área de linguística aplicada, que visem compreender melhor os processos de variação linguística, e como esses processos são vistos, na prática, dentro de um contexto social de uso e interação entre falantes.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Interfaces entre dialetologia e história. In: MOTA, Jacyra CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). Documentos 2: **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, edição 49, 2007a.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 2ª ed. São Paulo, 2002.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (orgs). **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. –São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 43-50.
- PAIVA, Maria da Conceição. **Sexo**. In: MOLLICA, 2004
- PRETI, D. **Sociolinguística: os níveis de fala**. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, V. L. P. Relevância das variáveis lingüísticas. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L (orgs). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2003.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 () Monografia
 (X) Artigo

Eu, Felipe de Carvalho Rocha,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Em direção a um ATLAS LINGÜÍSTICO: BREVE
ESTUDO em Picos - PI.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 22 de JANEIRO de 2020.

Felipe de Carvalho Rocha
 Assinatura

 Assinatura